

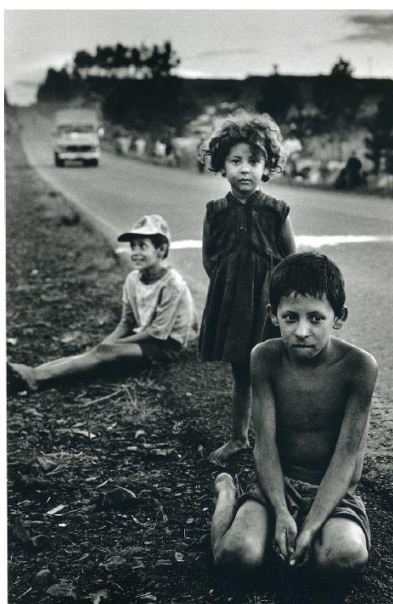
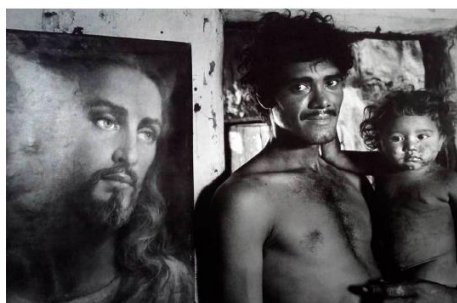
Florianópolis, 25 de agosto de 2019.

O DESEJO PELA TERRA

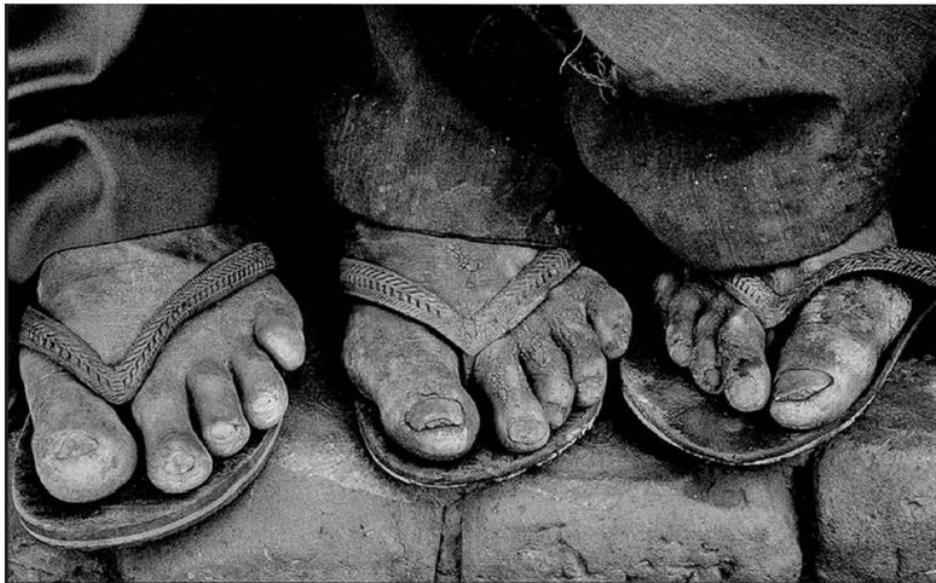
Caroline Dildey – carol.dildey@gmail.com
Filosofia – UFSC

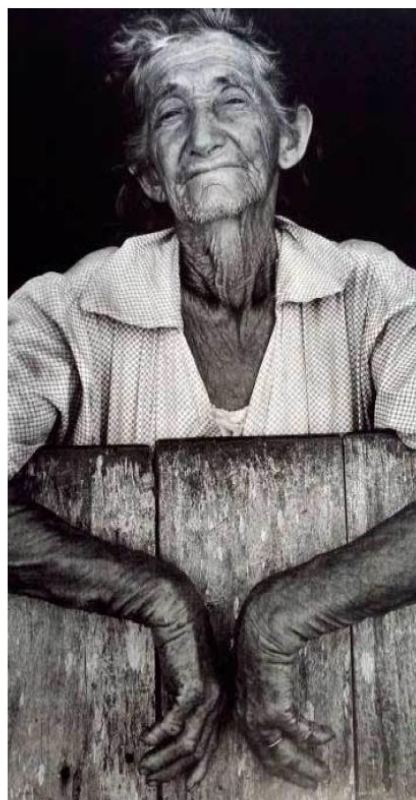
1. OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo deste artigo são imagens captadas pelo fotógrafo Sebastião Salgado registradas na década de 1990, publicadas no livro “Terra”, que demonstram o cotidiano de luta pela terra do MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. As fotografias não estão ordenadas na linha cronológica em que foram captadas pois a intenção é demonstrar nas diferentes fases da vida, da infância até a morte, a vinculação e o desejo que as pessoas possuem pela terra.









2. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Este trabalho tem por objetivo entender em que medida o desejo pela terra atinge a vida das pessoas, buscando saber de onde esse desejo parte e quais caminhos percorre nas experiências humanas. Tal objetivo será buscado a partir da análise das fotografias de Sebastião Salgado, que registram o cotidiano de vida do MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Para fundamentação do trabalho

serão utilizadas as contribuições teóricas de Kierkegaard e Lacan, que em seus estudos se propuseram a compreender o papel do desejo na vida humana.

O filósofo Kierkegaard, poucas décadas antes de Freud, pensou sobre o desejo humano, de maneira geral, a partir dos conceitos de desejo fálico e de desejo não-fálico, que buscam compreender a maneira de como nos posicionamos em relação ao absoluto que almejamos. Já Lacan, partindo da tradição psicanalítica de Freud, trouxe alguns avanços no entendimento desejo humano em uma perspectiva onde o desejo se deve aos significantes, enquanto Freud atribuiu o desejo à sexualidade.

Claro que o desejo atribuído a sexualidade pensado por Freud gera várias implicações na vida de um sujeito que não perpassam somente o ato sexual, ainda sim, a perspectiva de Lacan do desejo ser atribuído aos significantes faz com que seja comportada em sua teoria uma ideia mais ampla de desejo, fazendo com que possamos pensar em diversos âmbitos o papel do desejo na vida humana. Um dos âmbitos que podemos estudar, com o auxílio das teorias de Kierkegaard e Lacan, é o papel que o desejo pela terra pode assumir na vida das pessoas que não a possuem.

Pareceria estranho abordar essa espécie de desejo quando o tratamos de maneira mais superficial, mas se nos debruçarmos de maneira mais aprofundada sobre o tema, perceberemos que essa espécie de desejo pode ser analisada a partir das implicações drásticas que traz na vida de muitas pessoas, ainda que aparentemente pareça algo singular. O objeto de análise serão as fotografias do MST para compreendermos, em nosso país de enormes latifúndios, de qual maneira o desejo pela terra se demonstra no cotidiano daqueles que lutam para tê-la.

3. O DESEJO PELA TERRA

3.1 A MANEIRA COMO O DESEJO PELA TERRA SE APRESENTA

Se observarmos profundamente as fotos acima, veremos que o desejo pela terra não parece ser algo passageiro ou efêmero, pois norteia a vida de muitos que alimentam tal vontade. Tamanha afronta de buscar atingir esse desejo, as vezes com um preço muito alto a se pagar, pode ser justificada pela necessidade irrevogável da necessidade da terra para existir. Talvez tal desejo possa parecer pouco importante para aqueles que não o sentem, mas o fato é que todos necessitam da terra em alguma medida.

Para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o desejo pela terra parece ir além de uma relação de dependência e manutenção da vida – apesar de estar diretamente permeada por ela –, já que os indivíduos, a partir de suas vivências, criam tamanho vínculo e relação com a terra onde viver em condições precárias em grandes centros urbanos não parece ser uma opção. Os trabalhadores rurais encontram em sua

relação com a terra o que nenhum outro trabalho pode oferecer, pois a terra gera o subsídio primeiro para manutenção da vida, e para além disso, traz significação para aquele que a deseja de maneira que não possa ser substituível.

Longe de afirmar que essa relação com a terra é simples e ideal, pois mesmo aqueles que já a possuem experimentam dificuldades para manter esse vínculo. O trabalho no campo implica, na maioria das vezes, uma dedicação implacável na tentativa de dominação da natureza, quando a cooperação parece ser um caminho distante. Por exemplo, através do desenvolvimento da agricultura com o uso de agrotóxicos e transgênicos, o chamado agronegócio, objetivamos um maior controle e dominação do que propriamente uma relação de cooperação com o meio ambiente.

Agora pensemos que, se para aqueles que conseguem realizar o desejo de possuir a terra os caminhos são tortuosos, imaginemos então aqueles que alimentam esse desejo e buscam realizá-lo a todo custo, almejando uma relação de cooperação com a terra em um mundo permeado por relações mercantilizadas.

No caso do MST, o maior movimento agrário da América Latina, que se organiza para reivindicar a terra na perspectiva de um direito social, o desejo pela terra assume mais do que uma necessidade material de vida, pois também cria significação de justiça e dignidade para aqueles que não aceitam a ideia de não possuírem terra em um país de tamanhas dimensões.

Tal desejo contido em cada indivíduo parece tomar proporções inigualáveis quando atinge caráter coletivo, onde as pessoas vislumbram umas nas outras o mesmo desejo, criando possibilidades para tentar atingi-lo. Na próxima seção, através das fotografias selecionadas, buscaremos compreender quais dimensões o desejo pela terra assume na vida de diferentes pessoas que se unem em torno deste mesmo objetivo.

3.2 AS DIMENSÕES QUE O DESEJO PELA TERRA ASSUME

Se observarmos as fotos acima, o desejo pela terra assume significado compartilhado nos mais diversos âmbitos da vida de uma pessoa e assim podemos perceber que o desejo, quando coletivizado, adquire caráter permanente na medida em que atravessa a vida das pessoas da infância até a morte. Ou seja, o desejo pela terra, nas diferentes maneiras de como interfere na vida de uma pessoa, pode ser considerado o absoluto a ser desejado a todo custo.

Mas afinal, quais dimensões esse desejo pode assumir na vida das pessoas? Poderíamos dizer que as mais diferentes dimensões, sejam elas boas ou ruins, pois

como mencionamos, o desejo pela terra não pode ser abandonado como um mero capricho por aqueles que o sentem.

Talvez nisso resida as implicações drásticas que esse desejo pode gerar, pois sendo irrevogável, faz com que as pessoas constituam sua vida de maneira que direcionem totalmente sua trajetória para atingir este fim. Podemos perceber nas fotografias como o desejo pela terra assume caráter central na vida de muitas pessoas, ocasionando tanto a possibilidade de uma vida digna quanto a morte para aqueles que a desejam.

No meio desses extremos podemos destacar que coisas aparentemente simples, como o estudo e o trabalho com a terra, adquirem proporções inigualáveis na vida dessas pessoas, pois estão vinculadas a uma espécie de desejo primordial por existência com dignidade. Então, ao buscarmos compreender o desejo pela terra precisamos pensá-lo de maneira articulada com os diferentes significados que assume na vida das pessoas.

Se observarmos as primeiras fotografias, perceberemos que as crianças assumem grande papel no caminho percorrido pelos sem terra, tanto no sentido em que são a continuidade e o futuro, quanto no sentido em que exercem papel motivador para que a luta prossiga. Ou seja, coletivização deste processo com a participação das crianças faz com que ele possua renovação constante, por exemplo, na maneira como o desejo pela terra é repassado a todas as gerações para que se mantenha permanente e não morra na vontade individual.

Ao mesmo tempo em que as crianças sofrem perigos e dificuldades por estarem inseridas neste movimento, a aceitação de uma vida miserável sem o direito a condições básicas de vida não parece ser viável a elas. Motivados por este desejo, tanto os pais quantos as crianças tratam a terra como a única mediação possível para obtenção de moradia, educação, trabalho e alimentação e por isso são parte criativa desse processo. Assim, ao observarmos nas fotografias as expressões das crianças, podemos perceber o medo do desconhecido somado a ousadia de prosseguir a qualquer custo em busca de uma vida melhor.

Podemos perceber que a participação das crianças também adquire importância pela responsabilidade que elas possuem, desde muito cedo, de contribuir nas tarefas necessárias para manutenção da vida, como demonstrado na fotografia dos meninos cortando cana-de-açúcar. Ou seja, dentro desse movimento onde o desejo pela terra assume caráter coletivo, o ato das crianças de vivenciarem as experiências do trabalho e educação, além de trazerem esperança ao movimento, trazem à tona o sentimento de resistência coletiva diante das dificuldades. Este sentimento de resistência, apesar de

se materializar na imagem inocente das crianças, também existe em alguma medida para todos aqueles que tratam o desejo pela terra como um princípio irrevogável.

Podemos ver tanto no semblante dos sem terra adultos, como nos idosos, a perseguição do desejo por toda uma vida, os sentimentos de felicidade e de tristeza contidos em cada olhar que busca no horizonte esperança para ultrapassar as dificuldades impostas, mesmo que as dificuldades momentâneas digam que a concretização do desejo ainda está longe de ser atingida.

Podemos pensar que o processo de ocupação de uma terra improdutiva ou irregular, para essas pessoas, é apenas o início do tortuoso caminho para obtenção do seu desejo, pois sofrem os mais diversos tipos de violência. Aqueles que lutam pela terra contam com condições precárias de vida, podendo viver embaixo de um barraco de lona, ou pior, abaixo de sete palmos de terra.

Por isso, o desejo pela terra significa não só a manutenção da vida humana, mas também a possibilidade de encerramento dela, como se fosse uma moeda de troca a ser utilizada contra aqueles que possuem audácia de desejar um pedaço de terra para chamar de seu. Mas afinal, quem manteria este desejo que poderia custar a própria vida? Aqueles que só encontram sentido em sua vida na realização do seu desejo, o sentimento de possuir e ser possuído pela mãe terra.

Mesmo havendo na história de nosso país o extermínio de muitos sem terra, tanto pelos latifundiários quanto pelo próprio estado, vemos que o medo da miséria e falta de futuro parece ser muito mais violento para aqueles que tremem diante das injustiças. Por isso, mesmo diante das piores condições de vida, do genocídio que pode atingir até mesmo as crianças, o movimento segue marchando na luta pelos seus direitos, já que compreende o desejo pela terra como o sentido mais primordial de sua existência.

Como percebemos ao decorrer das fotografias apresentadas, a terra se demonstra como fio condutor da vida das pessoas que lutam para tê-la, desde a infância, percorrendo a fase adulta e chegando até a velhice (se a tentativa de assegurar o desejo não for paga com a própria vida antes disso). A terra se coloca na vida dessas pessoas em esferas como a do trabalho, da alimentação, da educação, da cultura popular e da religiosidade.

A terra pode significar tristeza e alegria, esperança e desespero, vida e morte. As imagens apresentadas no final, que registram tanto o processo de alegria e de tristeza, nos momentos de ocupação de terra e de luto, respectivamente, demonstram que de alguma maneira ou outra estaremos fadados a satisfazer o desejo pela terra, o que muda são as circunstâncias e tempo, pois o caminho sempre tende ao mesmo fim.

Podemos exemplificar tal ideia com o contexto das últimas fotos, que registram os assassinatos do que ficou conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás, onde foram assassinados pela polícia militar, dezenove militantes do MST.

Tudo isso demonstra que o desejo pela terra possui a potencialidade de gerar diferentes consequências que se interligam pela mesma motivação, e que por tamanha dimensão que toma na vida das pessoas, pode ser compreendido a partir das concepções acerca do desejo propostas por Kierkegaard e Lacan, as quais abordaremos na próxima seção.

3.3 A TERRA E O ABSOLUTO

Os estudos de Kierkegaard e Lacan sobre o desejo assumem tamanha amplitude e complexidade, que não poderemos abordá-los integralmente nesse trabalho. Ainda sim, podemos fazer algumas ligações entre essas teorias e o desejo pela terra, que serão norteadoras para compreensão da maneira como o desejo pela terra se apresenta nas fotografias acima. Ao analisarmos as obras desses dois autores, muitos questionariam se suas contribuições não são referidas ao desejo sexual e por isso não poderiam englobar outras ideias de desejo.

Claro que o desejo sexual assume relevância em suas teorias, mas como vimos, os desejos não assumem somente dimensão sexual na vida das pessoas, e por isso, em alguma medida, podem ser ligados com as teorias de Kierkegaard e Lacan. Quando analisamos os estudos de Kierkegaard, vemos que de maneira mais geral, ele divide o desejo humano em “fálico” e “não-fálico”, sendo o desejo fálico o desejo de ter o outro em absoluto e o desejo não fálico aquele que é o próprio absoluto.

No caso de quem possui o desejo fálico, o absoluto é o que o faz potente, a coisa que pode fazer com que realize sua fantasia. E para quem possui o desejo não-fálico, o absoluto está contido em si mesmo, pois a pessoa possui a potencialidade de ser todas as fantasias que o outro quiser buscar. Também podemos pensar sobre o a ideia de “salto de fé” que Kierkegaard aborda, que é o momento de proximidade entre o indivíduo e o absoluto, ou seja, o momento em que a pessoa está mais próxima de atingir seu mais intenso e obsessivo desejo. Podemos relacionar as ideias de Kierkegaard com nosso trabalho na medida em que consideramos fálico o desejo pela terra daqueles que não a possuem e a querem a qualquer custo, e não-fálico o desejo daqueles que já a possuem e querem mantê-la. Isso porque a terra assume, no caso das fotografias acima, o papel de absoluto, onde se faz de tudo para conquistá-la, assim como Don Giovanni deseja a todo custo a mulher absoluta.

Mas se para Don Giovanni a mulher a ser buscada é a absoluta, podemos fazer uma analogia de que para aqueles que mantêm o desejo pela terra, não é qualquer pedaço terra que pode fazer com que realizem seu desejo em absoluto. Por isso, a terra que pode ser considerada absoluta a ser desejada é aquela que satisfaz minimamente as condições de manutenção de vida e que com isso adquire significação de dignidade e justiça, as quais nos referimos anteriormente.

A terra só é considerada absoluta na medida em que essa significação de dignidade e justiça ocorre de maneira coletiva, ou seja, quando todas as pessoas, sejam elas crianças, adultas ou idosas, atingem o absoluto em comum. Em relação ao “salto de fé” pensado por Kierkegaard, podemos afirmar que de maneira análoga a que Don Giovanni fazia, aqueles que desejam terra agem muitas vezes com violência para realizar seu salto de fé, para atingir o absoluto do desejo. Para Lacan, de maneira similar a Kierkegaard, o desejo é o apetite que tende a se satisfazer somente no absoluto e que é fonte de reconhecimento pelo desejo do outro.

O desejo só pode existir na medida em que está submetido a linguagem pois é por meio da linguagem que o desejo se manifesta. O desejo do sujeito é dividido pelo significante e submetido à linguagem e partir das representações, o sujeito percebe os significantes que o determina.

Para relacionar a tese de Lacan com as fotografias apresentadas no trabalho, podemos pensar que nesse caso, o apetite a ser satisfeito no absoluto, é o da terra que consegue trazer significação de dignidade e justiça através da manutenção da vida das pessoas que a desejam.

Somente através da linguagem coletiva expressa no mais diferentes âmbitos, como o do trabalho e da educação, é que as pessoas que desejam a terra percebem os significantes que a determinam. Por isso, no caso de um movimento como o MST, o desejo pela terra assume tamanha dimensão na vida das pessoas, que é expandido para uma forma coletiva para ser realizado.

4. CONCLUSÃO

Como vimos, Kierkegaard e principalmente Lacan abrem possibilidade de interpretação em suas teorias para além do desejo sexual, pois assumem uma dimensão maior de desejo que se vincula ao seu significante, gerando a necessidade de pensarmos no desejo pelo absoluto para além da esfera sexual.

O que nos move a viver são os desejos criados a partir da falta de alguma coisa, que faz com que prossigamos constantemente pela aproximação com o absoluto



desejado. Podemos afirmar que nunca vamos atingir o absoluto por completo, porque ao alcançarmos o desejo, criam-se novos desejos a serem realizados.

No caso do movimento sem-terra, como afirmamos acima, mesmo que o desejo pela terra é realizado, ainda não significa a obtenção do absoluto, pois a terra cria novas significações que geram novas demandas. A terra por si só é importante mas não é absoluta, pois deve estar acompanhada de dignidade e justiça expressas nos direitos mais fundamentais de vida, como saúde, educação, alimentação, trabalho, cultura e moradia.

Sabemos que, infelizmente, muitas dessas pessoas não encontram essa significação positiva, pois se deparam, em muitos casos, com extrema violência e miséria advindas dos meios de repressão, ondes os direitos humanos mais primordiais não são respeitados. Ainda assim, a expressão máxima de dor para este movimento, que é o assassinato dos companheiros de luta que possuem o mesmo desejo, traz força e obstinação para que o absoluto continue a ser perseguido. Assim, todos partem do desejo da terra, mas somente alguns o atingem ainda em vida.

5. BIBLIOGRAFIA

LACAN, Jacques. O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

KIERKEGAARD, Søren. Diário De Um Sedutor, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SALGADO, Sebastião. Terra, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.